

ABERTURAS E FECHAMENTOS DE EMPREENDIMENTOS COMERCIAIS EM MACAÉ ENTRE 2015 E 2017

*Giuliano Alves Borges e Silva¹
Rodrigo Issa de Assis Brasil²*

1. INTRODUÇÃO

Geralmente, o ramo comercial possui uma dinâmica mais volátil do que outros setores de atividade. No Brasil, ao longo dos anos, o comércio é a atividade econômica que registra tanto o maior número de aberturas, quanto de fechamentos de empresas (IBGE, 2010; IBGE, 2011; IBGE 2012). Em comparação com a indústria, a baixa necessidade de investimentos em ativos fixos e maquinários torna a abertura mais fácil, ao mesmo tempo que a desmobilização também é menos trabalhosa, o que justifica tal flexibilidade.

Por essa característica especial, o estudo sobre a dinâmica de abertura e fechamento de comércios torna-se relevante em contextos regionais porque serve como um termômetro para exploração das diversas potencialidades econômicas. Mais especificamente a cidade de Macaé, cuja atividade econômica gira em torno do petróleo que impacta em todos os tipos de empreendimento, incluindo o comércio varejista e a prestação de serviços em todo o município.

O último grande ciclo de queda no preço do barril de petróleo iniciou-se em julho de 2014 (US\$ 111,87), com consecutivas quedas até janeiro de 2015 (US\$ 48,07). Entre acréscimos e quedas, começa dar sinais de recuperação somente a partir de fevereiro de 2016 (INDEX MUNDI, 2018). Nesse âmbito, como ocorreram a abertura e o fechamento das empresas comerciais no município de Macaé nos anos de 2015, 2016 e 2017? A cidade demonstra sinais de recuperação de sua atividade produtiva comercial?

O objetivo do presente capítulo consiste em descrever a abertura e o fechamento das empresas ligadas à atividade comercial ao longo de seis semestres (2015-2017) na cidade de Macaé, discutindo o vigor econômico do município, à luz da literatura acadêmica sobre empreendedorismo e mortalidade de pequenas empresas.

Em períodos de crise econômica prolongada, Pequenas e Médias Empresas (PMEs) podem sofrer desproporcionalmente com a desaceleração econômica por causa de seus recursos financeiros limitados. Somando-se ao aspecto financeiro, suas deficiências relativas em termos de capacidades tecnológicas, gerenciais e humanas podem reduzir a capacidade de superação de crises. Por outro lado, muitos estudos mostram um rendimento notável de pequenas empresas e parece que alguns empreendimentos se beneficiam da crise e do pós-crise, aproveitando oportunidades de mercado (BOURLETIDIS; TRIANTAFYLLOPOULOS, 2014).

A literatura acadêmica nacional apresenta uma série de estudos contemporâneos que envolvem a sobrevivência e a mortalidade de pequenas e médias empresas sob um enfoque municipal ou regional: Santos, Silva e Neves (2011) analisam o risco de empresas do ramo de tecelagem tradicional em Resende Costa-MG; Santini *et al* (2015) estudam os fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas da região central do Rio Grande do Sul; Aguiar-Silva *et al* (2016) investigam o papel da utilização de ferramentas contábeis em empreendimentos comerciais e industriais em São João Del Rei-MG; Bertolami *et al* (2018) verificam as

características empreendedoras de empresas sobreviventes em todo o estado de São Paulo; entre outros trabalhos. No entanto, faltam estudos descritivos sobre abertura e fechamento específicos voltados à atividade comercial. Além disso, tal análise também é particularmente relevante, enquanto capítulo da presente obra, preenchendo uma lacuna necessária à interpretação da dinâmica e da história recente do município de Macaé.

2. EMPREENDEDORISMO, SOBREVIVÊNCIA E MORTALIDADE DE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

De um modo bastante contundente, Timmons (1994) enfatiza que a revolução do empreendedorismo terá mais reflexos para o século XXI do que a Revolução Industrial para o século XX. A partir do aprofundamento de uma economia em um estágio neoliberal, com a reorientação do papel do Estado, os cidadãos buscam reduzir a dependência da intervenção estatal na economia e se enxergam cada vez mais responsáveis pelo seu próprio destino, criando seus próprios negócios (FERREIRA *et al*, 2012).

Os estudiosos do empreendedorismo têm se concentrado bastante em tentar entender como as oportunidades de trazer à existência bens e serviços futuros são descobertos e explorados para criar e desenvolver novos empreendimentos, incluindo as atividades comerciais (MEYER; NECK; MEEKS, 2017). Redes e alianças podem influenciar diversos aspectos da criação de novos empreendimentos (COOPER, 2017).

Os ecossistemas de negócios consistem em um conjunto heterogêneo e em constante evolução de organizações, interconectadas por meio de uma complexa rede de relacionamentos e interdependência entre as atividades produtivas. No entanto, não existe uma forma de abordagem consensual para compreender a dinâmica dessa rede. Algumas abordagens utilizam a concepção de ecossistemas de empresas, sem enfatizar o tamanho ou características das mesmas, enquanto outras têm enfoque sobre a mortalidade e/ou sobrevivência, geralmente aplicadas ao contexto de pequenas e Médias Empresas - PMEs; porém, conforme as características metodológicas ou fontes de dados de pesquisa, é possível estabelecer estudos dos mais variados tipos (BASOLE *et al*, 2015).

A sobrevivência das pequenas e médias empresas depende de uma série de fatores como a necessidade de planejamento, a programação financeira, o fluxo de caixa, a análise da concorrência e dos fornecedores, as dificuldades em lidar com as burocracias e impostos governamentais. Quanto menor a empresa, mais dependente das características do empreendedor e de seu desenvolvimento pessoal. Assim, a relação entre conhecimento e desempenho empresarial foi confirmada em diversos estudos, refletindo o efeito positivo do conhecimento empreendedor em todas as dimensões do desempenho organizacional (OMERZEL; ANTONCIC, 2008).

O conhecimento empreendedor pode ter efeitos benéficos sobre o crescimento e a lucratividade do negócio. O papel do capital humano, considerando, inclusive, as equipes de trabalho, é muito importante para a melhoria da gestão. As práticas de desenvolvimento de pessoas ajudam a melhorar o desempenho das pequenas empresas, ampliando sua longevidade, principalmente em contextos nacionais caracterizados por rígidas regulamentações trabalhistas (RAUCH; HATAK, 2016).

A evolução da economia das regiões localizadas em países em desenvolvimento depende, em grande parte, da capacidade de criar empresas capazes de sobreviver, pois o vigor da economia de tais localidades tem origem no sucesso das pequenas empresas. Para gerar trabalho e renda para a população economicamente

ativa de maneira sustentável, as PMEs desempenham relevante papel na produção de bens e serviços, posicionando sua atividade produtiva em um contexto cada vez mais estratégico. Conhecer o sucesso ou o insucesso de micro e pequenos empreendimentos em setores importantes tem sua relevância enaltecida (FERREIRA *et al*, 2012).

No que tange à mortalidade precoce de empresas, além das variáveis relacionadas ao perfil do empreendedor, destaca-se um primeiro bloco de fatores intimamente ligado às questões de natureza estratégica (ausência de planejamento, dificuldade de inovação, elevada concorrência). Enquanto o segundo conjunto está relacionado às questões de natureza organizacional (estrutura, desenvolvimento de pessoas, aspectos financeiros e técnico-operacionais) (FERREIRA *et al*, 2012).

3. ESTUDOS NACIONAIS SISTEMATIZADOS

Entre os estudos de organizações públicas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza pesquisas relacionadas à sobrevivência baseada no Cadastro Central de Empresas, enquanto o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) utiliza o Cadastro de Estabelecimentos Empregadores (CEE) do Ministério do Trabalho e Emprego (NAJBERG; PUGA & OLIVEIRA, 2000; BNDES, 2003; IBGE, 2010).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), entre outros serviços, é uma entidade consagrada em estudos sobre empreendedorismo, sobrevivência e mortalidade de pequenas e médias empresas. Periodicamente, promove um relatório detalhado sobre a sobrevivência de organizações desde 2011. Na primeira edição, o trabalho baseou-se exclusivamente na base de dados da Secretaria da Receita Federal (SRF), procedimento repetido na edição de 2013, e ampliado em 2016, com uma pesquisa de campo envolvendo 2.006 empresas ativas e inativas, com o objetivo de identificar os fatores determinantes da sobrevivência/mortalidade desses empreendimentos (SEBRAE, 2011; SEBRAE, 2013; SEBRAE, 2016).

Em geral, as análises concentram-se em medir a taxa de sobrevivência das empresas nos primeiros anos de vida para identificar a qualidade do empreendedorismo. Isso porque, quando as empresas sobrevivem por pouco tempo, existe alguma deficiência ou conjunto de ações que precisam ser desenvolvidas. Entre os principais resultados dos trabalhos, destacam-se: o aumento da taxa de sobrevivência das empresas com até dois anos, com 76,6% no último relatório; expansão dos Micro Empreendedores Individuais - MEI; a tendência à redução média das taxas de juros; a melhoria da legislação em favor dos pequenos negócios, no período entre 2008 e 2014; quanto maior o porte da empresa, maior a chance de sobrevivência nos primeiros anos; além disso, embora existam diferenças metodológicas na comparação entre países, as taxas brasileiras apresentam-se semelhantes às de outros países. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, as taxas de sobrevivência estavam em 77,4% (SEBRAE, 2016).

4. METODOLOGIA

Em relação aos fins, este artigo possui finalidade descritiva. Tal característica denota o objetivo de registrar e descrever fatos, neste caso, através de levantamento estatístico. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre – surgimento e desativação de empresas comerciais – a natureza, causas, e relações com

outras circunstâncias (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para tanto, o levantamento utiliza fonte de dados secundários coletados com o intuito de observar registros de abertura e baixas realizadas na Junta Comercial. Trata-se de dados já publicados pela Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro (JUCERJA), que estão disponibilizados por meio de registros mensais, agora compilados em prol da pesquisa, permitindo a produção de conhecimentos anteriormente dispersos. Salienta-se que a referida fonte atende ao tipo específico de empresa que se deseja analisar.

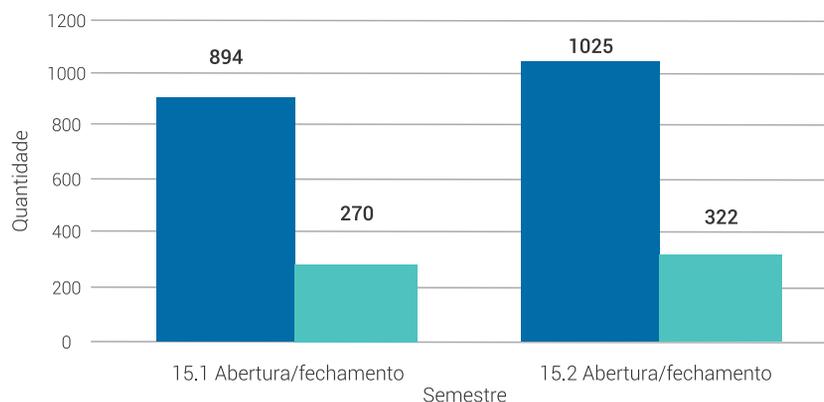
Tendo em vista a necessidade de registro de atividades empresariais nas Juntas Comerciais, a base de dados da JUCERJA é uma fonte confiável de pesquisa. Entretanto, algumas limitações precisam ser consideradas: os tipos de organização sujeitos à necessidade de registro e a quantidade de empresas que demoram ou simplesmente não realizam o procedimento de baixa no setor quando encerram suas respectivas atividades.

Em relação ao período escolhido (2015-2017), ressalta-se que este constitui um período recente, capaz de absorver a análise pretendida. O ano de 2018 não foi incluído exatamente pelo atraso na inserção de alguns registros à base de dados, o que poderia ser uma limitação desnecessária à pesquisa. A decisão de periodicidade de apresentação dos dados – semestral – foi tomada por ser um período de tempo razoável a ser considerado na estabilidade das informações. Sendo assim, os resultados apresentam seis períodos de análise, a saber: 2015/1 (jan/jun), 2015/2 (jul/dez), 2016/1 (jan/jun), 2016/2 (jul/dez), 2017/1 (jan/jun), 2017/2 (jul/dez).

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O primeiro ano de análise (2015) apresenta maior quantidade de aberturas (1.919) do que baixa de empresas (592) com registro na Junta Comercial (Gráfico 1). O segundo semestre do ano em questão apresentou maior dinâmica, com acréscimo tanto na quantidade de aberturas, – passou de 894 para 1025–, quanto de baixas, saindo de 270 para 322. Apesar de o segundo semestre daquele ano apresentar maior dinâmica nas aberturas e fechamentos dos empreendimentos, a proporção de baixas por novos registros permaneceu em patamar semelhante (30% em 2015/1 para 31% em 2015/2).

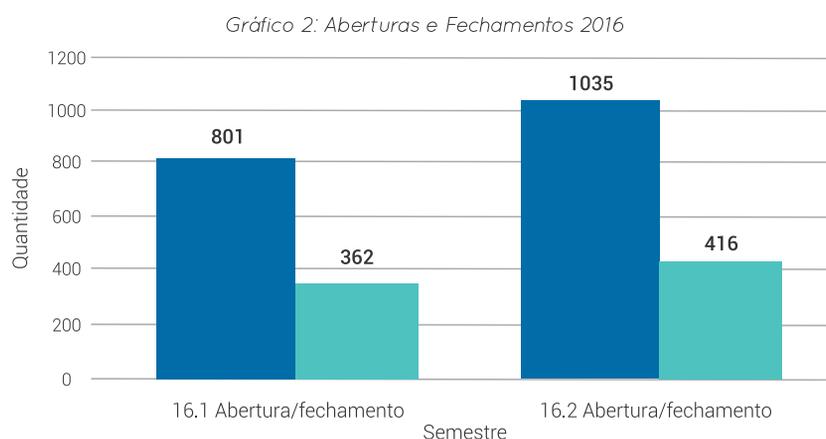
Gráfico 1: Aberturas e Fechamentos 2015



Fonte: JUCERJA, 2018.

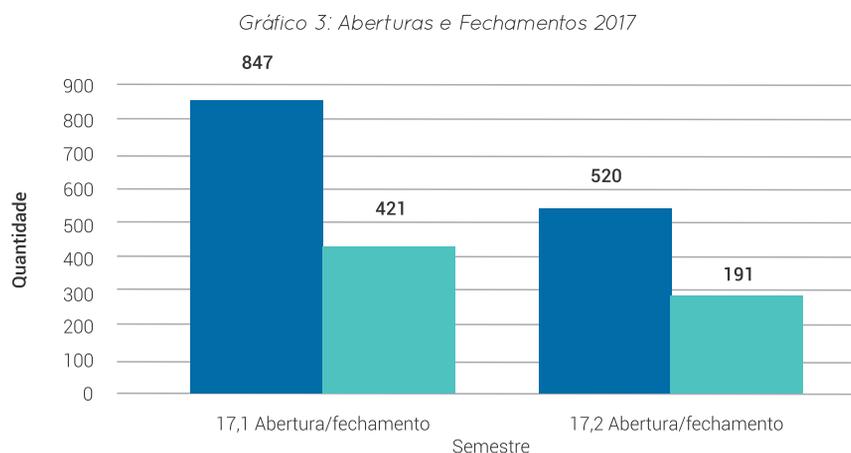
Em comparação com os demais períodos de análise, o ano de 2015 teve a maior quantidade total de aberturas e a menor quantidade de baixas, apresentando o maior saldo anual de todos: 1.327 aberturas a mais do que fechamento de empresas (o saldo em 2016 foi de 1.058 e em 2017 ficou em 755). Importante salientar o saldo positivo em todos os anos e semestres de análise, o que significa um grande potencial de recuperação da atividade econômica do município, com a sobrevivência de um comércio outrora tão dependente da economia do petróleo.

Em 2016, o primeiro semestre marcou 801 registros, com 1.035 no segundo semestre, atingindo um total de 1.836 aberturas. No mesmo ano, o número de baixas passou de 362 para 416, ao todo, 778 (Gráfico 2). As proporções de fechamento por abertura subiram em relação ao ano anterior, perfazendo 45% no primeiro semestre e 40% no segundo semestre de 2016.



Fonte: JUCERJA, 2018.

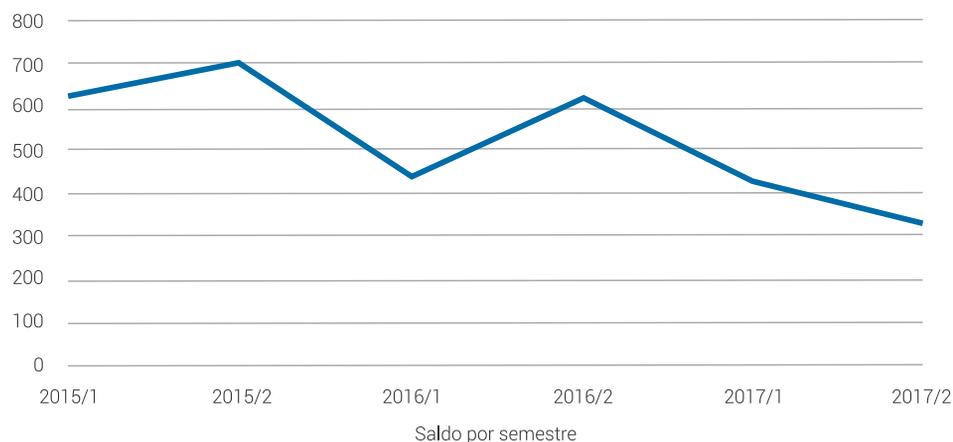
Seguindo a tendência de estabilização da dinâmica, 2017 foi o ano que apresentou menor dinâmica nos registros (Gráfico 3). As 847 aberturas no primeiro semestre somam-se às 520 do segundo, totalizando 1.367 registros de abertura. Enquanto os fechamentos estiveram em 612 baixas, 421 no primeiro semestre de 2017 e apenas 191 no segundo semestre do mesmo ano.



Fonte: JUCERJA, 2018.

Outra circunstância a ser observada é que no primeiro semestre de 2017 a proporção de baixas por aberturas quase atingiu 50%, constituindo o menor saldo do período estudado em termos proporcionais. Em termos absolutos, o menor saldo foi no segundo semestre de 2017, ao todo, 329. Tal circunstância indica um sinal de estabilidade do quadro, a não ser que a atividade do petróleo se recupere com maior vigor, respingando efeitos positivos em todas as demais cadeias produtivas da cidade. Ou seja, houve uma desaceleração na recuperação da atividade comercial no período analisado (Gráfico 4).

Gráfico 4: Saldo de Aberturas - Fechamentos



Fonte: JUCERJA, 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao disponibilizar altos salários, a atividade petrolífera adquire característica predatória, pois toda a comunidade local deseja trabalhar no ramo. Com a desaceleração do setor, o primeiro impacto recai sobre toda a estrutura produtiva da cidade, gerando desemprego e fechamento de atividades comerciais. Entretanto, ao longo do tempo, as forças produtivas tendem a se reestruturar e as prestações de serviços, comércios e demais atividades estabilizam os seus preços em patamares inferiores ao dos tempos de pujança, porém em uma dinâmica de reaprendizagem e auto-organização dos mercados.

Além disso, parte das pessoas que sai do ramo petrolífero acaba ficando na cidade e empreendendo no local, aumentando o número de registros na Junta Comercial logo após os primeiros impactos do período de crise, tema abordado em outro capítulo deste volume. Claro que as previsões otimistas das boas épocas não se concretizarão (o município ainda possui muito imóveis comerciais vagos, construídos na época de avanço dos investimentos), mas há uma tendência de recuperação lenta e gradativa, em novos patamares, com potencial para diminuir a sensação de desalento gerada na cidade durante o auge da recente crise.

Durante todo o período analisado, o comportamento de abertura e baixa dos registros de empresas na Junta Comercial manteve-se com saldo positivo, considerando as limitações do método da pesquisa. O maior saldo foi no ano de 2015, enquanto o menor em 2017, apresentando tendência de estabilidade. Sendo assim, o presente estudo corrobora com a possibilidade levantada por Bourletidis e Triantafyllopoulos (2014), que demonstram a capacidade empreendedora em se beneficiar da crise e do pós-crise, aproveitando novas oportunidades de mercado.

Desse modo, a partir do ponto de vista da atividade produtiva comercial de varejo e serviços, a cidade de Macaé demonstra sinais de recuperação que podem ser potencializados com a melhoria no ramo do Petróleo. A análise de seis semestres recentes explicita um saldo positivo de aberturas comerciais, porém em desaceleração, tendendo à estabilidade.



NOTAS

¹ Coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Gestão, Práticas e Políticas Públicas, Universidade Federal Fluminense, campus Macaé (GIPP/ ICM – UFF). Administrador, com Doutorado em Administração de Organizações pela Universidade de São Paulo. Professor Departamento de Administração ICM – UFF e Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAd – UFF) Endereço Institucional: Cidade Universitária, Av. Aloísio da Silva Gomes, 50 – Granja dos Cavaleiros, Macaé-RJ. E-mail: giulianoalves@id.uff.br.

² Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Gestão, Práticas e Políticas Públicas, Universidade Federal Fluminense, campus Macaé (GIPP/ ICM – UFF). Estudante de Administração pela UFF – Niterói. Endereço Institucional: Cidade Universitária, Av. Aloísio da Silva Gomes, 50 – Granja dos Cavaleiros, Macaé – RJ. Email: rodrigoissa@id.uff.br

REFERÊNCIAS

AGUIAR-SILVA, E. MENDONÇA, F.M.; GONÇALVES, G.V.; BERNARDO, D.C. Análise do Uso de Instrumentos de Controladoria nos Empreendimentos Comerciais e Industriais, de São João Del-Rei – Minas Gerais. *Revista de Administração, Sociedade e Inovação*. v. 2, n.1, 2016.

BASOLE, R.C.; et al. Understanding Business Ecosystem Dynamics: A Data-Driven Approach. *ACM Transactions on Management Information Systems (TMIS)*. v.6.Issue 2, July 2015.

BERTOLAMI, M. et al. Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 311–335, 2018.

BNDES (2003), *Demografia das Firms Brasileiras*. Rio de Janeiro: série "Informe-se", n. 50, janeiro/2003.

BOURLETIDIS, K.; TRIANTAFYLLOPOULOS, Y. SMEs Survival in Time of Crisis: Strategies, Tactics and Commercial Success Stories. *Procedia: Social and Behaviorl Sciences*, v 124, p. 639-644, 2014.

COOPER, A. C. (2017). Networks, Alliances, and Entrepreneurship. In *Strategic Entrepreneurship* (eds M. A. Hitt, R. D. Ireland, S. M. Campand D. L. Sexton). 2017. doi:10.1002/9781405164085.ch10

FERREIRA, Luis Fernando Filardi et al. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 19, n. 4, p. 811-823, Dec. 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Demografia das Empresas 2008. Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastros e Classificações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Demografia das Empresas 2009. Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastros e Classificações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Demografia das Empresas 2010. Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastros e Classificações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INDEX MUNDI. *Índices e Preços Mundiais: Barril de Petróleo*. 2018. Disponível em <<https://www.indexmundi.com/>>. Acesso em: 28/12/2018.

MEYER, G. D.; NECK, H. M.; MEEKS, M. D. The Entrepreneurship Strategic Management Interface. In *Strategic Entrepreneurship* (eds M. A. Hitt, R. D. Ireland, S. M. Campand D. L. Sexton). 2017. doi:10.1002/9781405164085.ch2

NAJBERG, Sheila; PUGA, Fernando Pimentel; OLIVEIRA, Paulo André de Souza de Oliveira (2000), "Sobrevivência das Firms no Brasil: dez. 1995/dez. 1997". *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p. 33-48, junho/2000.

OMERZEL, D.G.; ANTONCIC, B. Critical entrepreneur knowledge dimensions for the SME performance. *Industrial Management & Data Systems*. Vol. 108 Issue: 9, pp.1182-1199, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

RAUCH, A.; HATAK, I. A meta-analysis of different HR-enhancing practices and performance of small and medium sized firms. *Journal of Business Venturing*. v 31, n 5, 2016.

SANTINI, S.; FAVARIN, E.V.; NOGUEIRA, M.A.; OLIVEIRA, M.L. RUPPENTHAL, J.E. Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*. v. 8, n 1, 2015.

SANTOS, L.; SILVA, G.; NEVES, J. Risco de sobrevivência de micro e pequenas empresas comerciais. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 5, n. 11, p. 107-124, 1 abr. 2011.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Coleção de Estudos e Pesquisas: sobrevivência das empresas no Brasil*. Brasília, 2011.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Coleção de Estudos e Pesquisas: sobrevivência das empresas no Brasil*. Brasília, 2013.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Coleção de Estudos e Pesquisas: sobrevivência das empresas no Brasil*. Brasília, 2016.

TIMMONS, J. A. *New venture creation, entrepreneurship for the 21st century*. 4th ed. Irwin, 1994.